



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Licenciatura em História**

**Monografia apresentada para a obtenção do grau de Licenciatura**

**Título: Dinâmicas socioeconômicas associadas a participação da Mulher no  
Trabalho Migratório para a África do Sul após 1992.**

Gilda Artur Chaúque

Maputo, Outubro de 2025



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Licenciatura em História**

Dinâmicas socioeconômicas associadas a participação da Mulher no trabalho Migratório  
para a África do Sul após 1992

Ensaio de culminação de Estudos apresentado em cumprimento dos requisitos para  
obtenção de grau de Licenciatura em História na Universidade Eduardo Mondlane

**Autora:**

Gilda Artur Chaúque

**O júri :**

José C. Mandlate, MÁ

---

Maputo, Outubro de 2025

## **Índice**

Declaração de Honra .....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos .....	iii
Abreviaturas.....	v
Resumo .....	vi
Periodização e cronologia.....	vii
CAPÍTULO I.....	1
1.Introdução.....	1
Objetivos.....	1
1.1. Objetivo Geral .....	1
1.1.1 Objectivos específicos .....	2
1.2. Estrutura do Trabalho .....	2
1.3. Problemática e argumento .....	3
1.4. Pergunta de investigação .....	3
1.5. Revisão de literatura .....	3
1.6. Justificação .....	6
1.7. Metodologia de investigação .....	6
1.8. Definição de conceitos.....	7
CAPÍTULO II: DINÂMICAS DO TRABALHO MIGRATÓRIO DURANTE E APÓS A GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE .....	10
2.1 Antecedentes do trabalho migratório.....	10
2.2. Dinâmicas do trabalho migratório durante a Guerra Civil .....	11
2.3. Dinâmicas do trabalho migratório após da guerra civil em Moçambique.....	12
CAPÍTULO III: CONCEPÇÃO DA TRADIÇÃO MIGRATÓRIA EM MOÇAMBIQUE .....	15
3.1. Relação entre o Trabalho Migratório e Género .....	15
CAPÍTULO IV: INTEGRAÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA DA MULHER MIGRANTE MOÇAMBICANA NA ÁFRICA DO SUL .....	18
CAPÍTULO V: IMPACTOS DO TRABALHO MIGRATÓRIO .....	23
5.1. Impacto do trabalho migratório na vida da mulher migração .....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	27

**Declaração de Honra**

“Eu, Gilda Artur Chaúque declaro por minha honra que este ensaio de culminação de Estudos nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau, e que constitui o resultado da minha investigação pessoal”

***Gilda Artur Chaúque***

## **Dedicatória**

Dedico essa monografia a Deus e aos meus amados pais: Artur Antônio Chaúque e Catarina Simão Nhimbo, este trabalho é um reflexo dos valores e dedicação que os senhores transmitiram e dedicaram incansável a mim ao longo da minha vida e sobretudo durante a minha jornada acadêmica. Aos meus queridos irmãos: Lorca Chaúque; Cleyton Chaúque e Cayton Chaúque e em especial a minha sobrinha e afilhada Ayla.

## **Agradecimentos**

**Provérbios 16:3: “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os teus planos serão bem sucedidos.”**

A concretização deste sonho e sucesso deste trabalho foi possível graças ao apoio, colaboração e incentivo de várias pessoas e entidades que directa e indirectamente contribuíram por meio de várias ações dignas da minha apreciação.

Em primeiro lugar agradecer a DEUS pela vida, por sempre permanecer e me guiar em todos os meus caminhos e por fortificar a minha Fé, pela força e vontade para continuar todo este percurso pois mesmo diante de todos obstáculos, o Senhor não me permitiu desistir.

Do mesmo modo quero agradecer aos meus queridos Pais: Artur Antônio Chaúque e Catarina Simão Nhimbo que incansavelmente trabalharam para que eu pudesse chegar a este nível, agradeço por todo apoio, dedicação e incentivo que os senhores prestaram a mim, para que pudesse realizar este sonho que mais do que meu, é nosso.

Especiais agradecimentos aos meus amados irmãos e companheiros, a Lorca Artur Chaúque pelo suporte durante as noites de preparação e estudos para os exames de admissão e sobretudo durante este percurso, aos meus pequenos Cleyton Artur Chaúque e meu cassula Cayton Artur Chaúque pelo apoio moral incondicional e paciência para me suportar até nos meus dias chatos durante esta jornada acadêmica, e não menos importante agradecer a minha sobrinha e afilhada Ayla, pela sua companhia nas suas noites de choro e nas minhas de estudo para a elaboração deste trabalho.

Ainda neste campo quero expressar a minha profunda gratidão a todo corpo docente do Departamento de História, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais pelos ensinamentos transmitidos que levarei comigo para sempre.

Estou especialmente grata ao Doutor Paulo Lopes José pela orientação e atenção na identificação de material para a elaboração deste trabalho de modo a conduzir a minha pesquisa da melhor forma, ao Doutor Marlino Eugênio Mubai pelas suas orientações e conselhos, ao Doutor José Cláudio Mandlate pela atenção e orientação durante a elaboração deste tema de pesquisa.

Ainda nesta senda, agradecer aos meus colegas e companheiros da Universidade Eduardo Mondlane em particular aos meus amigos do Zoom 1 formado pela Delfina Vicente Langa

e Júlio Constatino Cossa, pelos inúmeros momentos memoráveis que vivemos juntos durante os anos de formação, seja nos seminários, caminhadas ao Museu, visitas de estudo ou discussões intermináveis para a elaboração conjunta de resumos e horas de estudos partilhados e principalmente pelos momentos de lazer proporcionados durante esta jornada, o vosso apoio tornou possível o meu sucesso nesta luta.

Por fim, a todos cujos nomes e títulos não foram aqui citados mas que directa e indirectamente apoiaram-me ao longo da minha formação, muitíssimo obrigada.

“Que DEUS abençoe todos vocês.”

**Abreviaturas**

**ANC**-Congresso Nacional Africano

**FRELIMO**-Frente de Libertação de Moçambique

**ONU**-Organização das Nações Unidas

**OUA**-Organização da Unidade Africana

**RENAMO**-Residência Nacional de Moçambique

**SADC**-Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral

**SANMP**-Southern African Migration Programme

**UNHCR**-Alto comissário das Nações Unidas para Refugiados

**WENELA**-Witwatersrand Native Labour Association



## **Resumo**

Dinâmicas socioeconômicas associadas a participação da mulher no trabalho migratório para a África do Sul traduz-se num estudo sobre a integração da mulher na migração laboral de Moçambique para África do Sul. Na história de Moçambique, o trabalho migratório é apresentado como sendo uma esfera masculina, entretanto durante a guerra civil a migração feminina é dinamizada pelas condições associadas à instabilidade Política, Social e econômica do País que possibilitaram a inclusão de todos os gêneros no fenómeno migratório e após o término da Guerra civil em 1992 e a queda do regime do Apartheid na África do Sul regista-se um maior fluxo de mulheres que se deslocam a África do Sul em busca de melhores condições de vida. afim, de responder suas necessidades econômicas e dos seus dependentes. Neste período mulheres de diferentes pontos das províncias do sul de Moçambique, migram para a África do Sul e integram-se economicamente e Socialmente em diversos sectores de actividades económica entre elas o sector da Agricultura, de serviços, do comércio e sobretudo o sector informal que constitui o foco deste estudo. Entretanto embora o trabalho migratório tenha impactado positivamente a vida económica destas mulheres, estás enfrentam obstáculos ligados exercício de suas actividades a longo prazo e em alguns casos a discriminação e exclusão social por parte dos cidadão originas do País.

**palavras-chaves:**Guerra-civil; Migração; Feminização; Mulher; Trabalho Migratório.

## **Periodização e cronologia**

### **Iº Período- Expansão da agricultura capitalista colonial em Natal e Cabo; grande desenvolvimento mineiro na África do Sul e penetração mercantil estrangeira em Moçambique (1800/1890 a 1924)**

**1850** – Iniciam as Plantações da Cana-de-açúcar em Natal;

**1857** – Permissão para a Migração da mão-de-obra moçambicana para o Natal;

**1867** – Descoberta do Diamante em Kimberley;

**1870** – Início da exploração dos diamantes;

**1886** – Descoberta do Ouro em Witwatersrand;

**1897** – Primeiros regulamentos entre Portugal e Transvaal

**1911** – Aprovação do Mines and Work Act.

### **IIº Período- Moçambique pós independência e desestabilização política (1975-1992)**

**1975** – Independência de Moçambique;

**1976** – Enceramento da fronteira entre Moçambique e a Rodésia do Sul;

**1976** – Início da Guerra Civil em Moçambique;

**1986** – Decisão da Expulsão de trabalhadores moçambicanos na África do Sul;

**1992** – Assinatura do Acordo Geral de Paz que pôs fim a Guerra Civil em Moçambique;

**1975-1992** – Redução de Trabalhadores moçambicanos na África do Sul;

### **IIIº Período- Multipartidarismo em Moçambique e fim do regime do Apartheid na África do Sul (1990/1994 aos dias actuais)**

**1990** – Alteração da constituição de Moçambique;

**1993**-Inicia o retorno de refugiados da África do Sul para Moçambique;

**1994** – Eleições na África do Sul com a vitória do ANC;

**1994** – Primeiras Eleições em Moçambique;

**1995**– É tornada pública a amnésia que permite a fixação de residência permanente aos mineiros trabalhando na África do Sul desde 1986;

**1996** – É tornada pública a amnésia que permite a fixação de residência permanente a cidadãos dos estados membros da SADC, incluindo moçambicanos.

**2000** – Cheias que afectaram o Sul de Moçambique.

**2005** – Abolição de Visto para África do Sul e Botsuan



## **Capítulo I**

### **1.Introdução**

A presente temática, insere-se no conjunto das abordagens sobre a história sócio-econômica de Moçambique. Onde, o foco principal são as migrações transfronteiriças. No sul de Moçambique, a migração a longa distância consolidou as desigualdades sociais e as relações de gênero. Por sua vez, os homens tinham direito por excelência de envolverem-se na migração como sinônimo de masculinidade e a mulher cabia-lhe o papel doméstico (Bilale, 2007).

Entretanto, com o início da Guerra civil em Moçambique em 1976 e sobretudo com o seu fim em 1992, verifica-se o aumento do número de migrações envolvendo todo gênero, proporcionando assim a uma crescente integração da mulher no trabalho migratório em busca de melhores condições de vida. O que também pode estar associado ao fim do regime do Apartheid na África o que permitiu a introdução de novas políticas laborais, assim como no sector da migração. Este trabalho procura apartir de uma abordagem sócio-econômica compreender as mudanças nos padrões da migração transfronteiriça no sul de Moçambique com destino a África do Sul e especialmente analisar a relação entre a dinâmica migratória e a participação da Mulher nesta actividade.

Portanto, o trabalho tem como objeto de estudo as mulheres envolvidas na migração internacional ou transfronteiriça de Moçambique para a África do Sul, envolvidas no sector informal ou de prestação de serviços. Afim de compreender as mudanças, características e efeitos da migração na vida dessas mulheres após o seu envolvimento neste fenómeno de migração

## **Objetivos**

### **1.1. Objetivo Geral**

Analisar a participação da mulher no trabalho migratório de Moçambique para a África do Sul após a guerra civil em Moçambique com destaque para a região sul;

### 1.1.1 Objectivos específicos

- Identificar as mudanças sociais e econômicas do trabalho migratório no sul de Moçambique após a guerra civil;
- Descrever as mudanças de atitude e percepções sobre o trabalho migratório no pós guerra-civil no sul de Moçambique;
- Descrever as formas de integração social e econômica das mulheres migrantes na África do Sul.

### 1.2. Estrutura do Trabalho

O trabalho está estruturado em cinco capítulos:

**i.Introdução:** Apresentação do tema, objetivos, argumento e problematização, revisão de literatura, justificativa da escolha do tema e das balizas cronológicas, metodologia adotada para a elaboração do trabalho e definição dos conceitos chaves.

**ii.Dinâmicas do trabalho Migratório:** Onde trata do contexto do estabelecimento ou dos antecedentes do trabalho migratório incluindo as motivações por detrás da migração na região sul de Moçambique a quanto do seu estabelecimento, e será apresentado um panorama geral do desenvolvimento do trabalho migratório depois da proclamação da independência de Moçambique , durante e depois do fim da Guerra civil.

**iii. Concepção da tradição migratória no sul de Moçambique:** fazendo-se uma análise a nível social com um olhar para a relação entre o trabalho migratório e o gênero e as suas mudanças partindo do período colonial até o período proposto para este estudo.

**iv. Integração da mulher no trabalho migratório:** debruçar-se-a sobre a inserção da Mulher no trabalho migratório após a guerra civil no sul de Moçambique, com particular atenção para a integração social e econômica.

**v. Impacto do trabalho Migratório na vida da mulher migrante:** Será apresentada a influência da tradição migratória na vida dessas mulheres, descrevendo o impacto do trabalho migratório na vidas da mulher migrante quer econômica, social ou culturalmente.

**vi. Conclusão:** Considerações finais sobre os principais resultados do trabalho final, incluindo as referências bibliográficas, compilando todas as fontes utilizadas.

### **1.3. Problemática e argumento**

Quando se estudam fenômenos de trabalho migratório para a África do Sul, as análises tendem a ter um foco predominante nos homens. No sul de Moçambique em particular o lugar da mulher tinha sido bastante evidente, no período anterior ao proposto para este estudo, a mulher foi reservada a trabalhos domésticos e aos homens reservado trabalhos duros onde a migração internacional foi a sua especialidade. Entretanto, isto não significa que a mulher não tenha participado deste fenômeno, pois embora em um número reduzido existem estudos sobre a participação da mulher no trabalho migratório mas no entanto, esses estudos restringem-se ao período anterior a guerra civil em Moçambique em que a mulher era vista como parte integrante na migração masculina (Covane, 2001).

Entretanto, o período que se seguiu após a guerra civil em Moçambique é caracterizado por maior mobilidade com a estabilidade instalada, e como resultado os padrões de migração dominados pelos homens foram sendo feminizados de forma crescente, verificando-se a migração de mulheres não mais como esposas ou acompanhantes. Mas sim, como migrantes independentes afim de responder suas necessidades econômicas, alterando assim, os papéis de gênero predominantes. Assim, diante desse contexto o presente trabalho foca-se nas mudanças sociais e econômicas do trabalho migratório face a participação da mulher.

### **1.4. Pergunta de investigação**

Até que ponto a participação da Mulher no Trabalho Migratório contribuiu para dinâmica social e econômica da migração para a África do Sul ?

### **1.5. Revisão de literatura**

A temática sobre o trabalho migratório tem sido desde muito tempo alvo de vários estudos, especialmente no contexto da migração laboral para a África do Sul. Entretanto a participação feminina no fenômeno da migração internacional, bem como interna tinha

sido durante algum tempo negligenciada por autores que desenvolvem seus estudos nessa área dando mais enfoque aos homens que tinha direito por excelência de se envolver na migração a longa distância (Bilale, 2007).

No entanto, autores destacados no estudo da migração e mulheres como: Bilale (2007), Macamo (2009), Munamoha (2008), fazem referência a migração internacional das mulheres, concentrando os seus estudos na dinâmica das mulheres do campo para a cidade a procura de melhores condições de vida, argumentando que neste âmbito de movimentação de mulheres com estes fins para áreas urbanas nem sempre é positiva pois, algumas acabam envolvendo-se no sector informal e outras em outras actividades como a prostituição.

Outros autores como Guest (1993), Hugo (1993) e Haan (2000) citados por Bilale (2007:24) mostram através dos seus estudos que havia se ignorado a migração feminina, pois acreditava-se que só os homens migravam por razões económicas, e considerava-se que as mulheres migravam por reunificação familiar ou por casamento. Contudo, esses autores fazem estudos concentrando-se nas abordagens mais geográficas, relacionando em grande parte a migração e seus impactos na demográfica e os seus argumentos centram-se sobretudo na questão da redução da população nas áreas de origem e o aumento da população nas áreas de destino, oportunidades bem como mudanças no espaço físico.

Em contra partida, Covane (2001), na sua obra: O trabalho migratório e a agricultura no Sul de Moçambique, embora de forma superficial, o autor faz referência a migração feminina num período anterior a guerra civil em Moçambique. onde, discute o papel passivo exercido pela mulher na recepção dos bens enviados ou trazidos pelo marido, argumentando que o trabalho migratório facilitava o dinheiro pago pelo homem durante o lobolo.

O autor vai mais além na sua abordagem apresentando dados estatísticos relativos a presença de mulheres ao redor das cidades mineiras exercendo diversas actividades entre elas a prostituição e a venda informal de bebidas alcoólicas. O que é corroborado nas pesquisas dos trabalhos de Bonner (1990), Milles (1991) e Cockerton (1995) citados por Dodson & Crush (2008), que documentam as actividades de mulheres migrantes na fabricação de cerveja, culinária, lavanderia, trabalho sexual e agricultura comercial. Estes autores deixam claro que muitas mulheres africanas de países vizinhos tem sido



empregadas há muito tempo em várias ocupações na África do Sul, argumentam ainda que controles mais rigorosos sobre a migração transfronteiriça para a África do Sul e a deportação de migrantes ilegais do sexo feminino apartir da década de 1950 certamente restringiram o movimento das mulheres, mas a migração transfronteiriça feminino em geral e a migração relacionada ao trabalho em particular estão longe de ser um fenômeno totalmente novo, pós-Apartheid.

Entretanto, Saddique (2004), faz uma discussão em relação a migração das mulheres e o desenvolvimento, onde o autor desconstrói a ideia que prevaleceu durante o período pré-colonial e colonial da participação da mulher na migração a longa distância, mostrando que com a independência e sobretudo com o fim da guerra civil em Moçambique a mulher tem se envolvido nesta natureza de migração, causada pela situação pós-guerra civil em que as alternativas para a subsistência tornaram cada vez mais escassas, associando também a perda de vida dos seus maridos e a responsabilidade que passaram a ter nas suas famílias. O autor apresenta ainda as diversas áreas em que a mulher é inserida.

Por outro lado, Deshingkar citado por Bilale (2007), mostra que a concepção no que se refere a tradição migratória tem verificado mudanças desde a década de 1990, onde não só os homens se envolvem na migração externa mas também há uma participação elevada das mulheres que passam a ser empregadas nas áreas das indústrias e serviços, associado ao fim da guerra civil que permite mais mobilidade.

Muito recentemente, o interesse de desenvolver estudos sobre a migração internacional, transfronteiriça e as mulheres têm ganhado espaço, onde estudiosos tem concentrado suas análises para o papel das mulheres no desenvolvimento econômico através do mercado informal, evidenciado nos estudos de Matsinhe (2014), no seu trabalho sobre as *Mulheres Mukeristas e o comércio transfronteiriço* e outros trabalhos como o de Chivangue (2012), em relação ao *Mukero em Moçambique: análise da lógica e práticas do comércio informal*, estes estudos olham para o fenômeno do envolvimento das mulheres no âmbito do comércio e da dinâmica econômica e pouco refletem sobre os factores sociais, culturais e históricos por detrás deste fenômeno, interessando este estudo mostrar a dinâmica do fenômeno da migração feminina para a África do Sul.

Diante deste contexto, o presente trabalho vai concentrar suas análises nas dinâmicas do movimento migratório internacional ou a “longa distância” e o envolvimento das

mulheres no que se refere a mudança de paradigma na construção das relações sociais no sul de Moçambique.

### **1.6. Justificação**

A abordagem do tema “Dinâmicas socioeconômicas associadas a participação da mulher no trabalho migratório para a África do Sul após 1992” deve-se a necessidade de uma investigação cada vez mais profunda das novas dinâmicas do fenómeno transfronteiriço, particularmente a feminização da migração.

O enfoque nas mulheres deve-se ao facto de durante e após a guerra civil, o movimento migratório ter conhecido mudanças significativas em relação ao envolvimento das mulheres na migração para a África do Sul, tendo levantando hipóteses de que as mulheres começaram a se envolver em grande escala na migração internacional ou a longa distância o que antes era uma miragem, mas também porque os estudos existentes sobre o trabalho migratório centram-se mais no sector mineiro o que acaba contribuindo para que os autores olharam mais para os trabalhadores do género masculino, sendo que a maior parte das mulheres migrantes fazem parte do sector informal.

O estudo centra-se no período após 1992 ou ao fim da guerra civil em Moçambique, porque nos poucos estudos existentes sobre a migração envolvendo ambos géneros, às análises são feitas do período anterior a 1992 e abordam de forma breve o caso das mulheres, em específico as mulheres que migravam para trabalhar nas áreas circunvizinhas das zonas mineiras exercendo actividades consideradas “obscuras”. Deste modo, carecem estudos sobre as mudanças sociais e económicas em relação a participação da mulher no trabalho migratório no período pós guerra-civil caracterizado por maior mobilidade.

### **1.7. Metodologia de investigação**

Metodologia é a aplicação de procedimentos técnicos que devem ser observados para a construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade (Freitas & Prodanov, 2013:14).

Para o presente estudo, foi adoptado um método qualitativo baseado no cruzamento de diferentes fontes históricas. Recorreu-se a recolha de fontes secundárias, incluindo livros, artigos académicos, teses e documentos eletrónicos que abordam a contexto político, social e económico de Moçambique após a proclamação da independência, bem como estudos relacionados ao trabalho migratório de Moçambique para a África do Sul.

A pesquisa também contou com o uso de fontes orais, obtidas através de entrevistas com diferentes mulheres moçambicanas migrantes, estas que forneceram relatos detalhados e perspectivas pessoais sobre a experiência vivida. Mas também recorreu-se a entrevistas públicas sobretudo nos estudos feitos pelo Southern African Migration Programme (SAMP).

## **1.8. Definição de conceitos**

### **Fenômeno da Migração**

O fenómeno da migração é antigo nas sociedades do mundo, e ao analisar este fenómeno Jansen (1970), identifica vários níveis de abordagem e entendimento que se pode ter do mesmo saber: i) mostra a migração como um fenómeno demográfico porque influencia no tamanho da população nas áreas de origem, bem como nas áreas de destino. ii) Olha para o fenómeno como um problema económico, pois a maioria das mudanças quer regionais, internacionais e internos são movidos pelo desequilíbrio entre as áreas. iii) Olha o fenómeno igualmente como questão política, particularmente no que se refere as migrações internacionais, onde há indisposições das condições e restrições. iv) Abrange também a abordagem da psicologia social na medida em que o migrante está envolvido no processo da tomada de decisão antes de migrar e por fim aborda o fenómeno na vertente sociológica, já que as estruturas sociais e sistemas culturais tanto nas áreas de origem e da chegada são afectadas pela migração e afecta igualmente os migrantes. Neste estudo, interessa olhar para a vertente do fenómeno da migração de Moçambique para a África do Sul na vertente histórica e sociológica relacionado as questões sociais históricas e a cultura, por um lado, nas áreas de origem e de destino para compreender as dinâmicas do fenómeno, sem ignorar as várias vertentes apresentadas por Jansen.

Muitos estudiosos sobre a migração, dentre os quais historiadores como Covane (2001); Harris (1994); mas também geógrafos como Oberai (1987); Inês Macamo (2007); Munamoha (2006) e Bilale (2004), tendem a trazer grandes contribuições no estudo do

fenômeno quer a nível interno, bem como a nível internacional. Por exemplo, Oberai (1987) ao discutir o fenómeno da migração enquadra-o essencialmente em dimensões: espaço, residência, tempo e mudança de lugar de actividade. Para o autor, a migração deve envolver uma mudança de um lugar para o outro, isto é, mudança de uma área de residência e movimento que implique uma longa distância.

A definição de migração é um fenómeno bastante complexo tal como vários autores discutem e reconhecem que não existe uma definição linear. Algumas definições têm que a ver com a intenção, o carácter temporário ou permanente, a distância percorrida, mudanças de condições ambientais e mudanças do tipo de habitação. Por fim, desta análise das várias abordagens de estudiosos, principalmente geógrafos entende-se por migração o conjunto de deslocações no espaço físico do indivíduo ou de grupo, seja qual for a duração e a distância da deslocação.

### **Migração Internacional/ Transfronteiriças**

Em Moçambique, a emigração internacional está direccionada para os países da região, sobretudo para a África do Sul, País com o qual, tem confluência histórica (Vidal, 2008 citado por Patrício, 2016:86). **As migrações internacionais** são movimentos de saída e chegada de pessoas entre países. É importante ressaltar que o termo migração internacional pode ser subdividido em emigração (refere-se a pessoas que saem do País) e imigração (refere-se a pessoas que entram no país), (Nolasco, 2016).

Neste estudo interessa adaptar esta definição de migrações internacionais para compreender as dinâmicas sociais do envolvimento das mulheres quer a níveis temporários, quer de forma permanente na África do Sul.

**Trabalho Migratório:** É um fenómeno que envolve o movimento de trabalhadores entre diferentes regiões, Países ou continentes em busca de oportunidades de emprego (Piore, 1979:15).

**Feminização do Trabalho Migratório:** Trata-se como acção de feminizar, atribuir aspecto, actividade de carácter feminino a algo ou alguém. A feminização acontece quando um fenómeno ou processo social toma feição feminina, qualitativamente e quantitativamente. Neste estudo adaptou-se o conceito de feminização do movimento migratório para designar a uma acção de tornar o fenómeno da migração com característica cada vez mais feminina no sul de Moçambique, facto que historicamente não caracterizava as mulheres nas relações socialmente construídas. A feminização

portanto implica uma mudança nos papéis migratórios das mulheres, que passam de dependentes de migrantes homens para migrantes economicamente autônomas (Everett, 2007:11).

**Mulher:** Embora existam vários conceitos de Mulher, porém para a compreensão deste estudo destacam-se os conceitos de Agostinho (1983), que define Mulher como sendo um ser criado por Deus com natureza específica e um papel reprodutivo; por outro lado para Rousseau (1979), Mulher é um ser com uma natureza específica, destinada a ser esposa e mãe, onde a educação das mulheres deve ser orientada para esses papéis e por último, para Beauvoir (1949), a Mulher é um ser construído socialmente e culturalmente, com identidade formada pela sua relação com o mundo e os outros. Essas perspectivas refletem as diferentes épocas e contextos históricos em que esses autores escreveram, e demonstram como as concepções de mulher podem variar ao longo do tempo de acordo com o seu papel na sociedade e em diferentes contextos culturais e filosóficos. O que igualmente pretende-se fazer neste trabalho, na medida em que se busca identificar e compreender as mudanças sociais do trabalho migratório com a participação da mulher neste fenômeno em diferentes períodos da história de Moçambique e as percepções em relação ao gênero e o trabalho migratório.

**Guerra civil:** É a existência de uma incompatibilidade política entre o governo do estado e outros grupos em que ambos utilizam a força das armas e que resulta em pelo menos vinte e cinco mortos em combate num determinado ano (Gleditsch et al, 2002).

## **CAPÍTULO II: DINÂMICAS DO TRABALHO MIGRATÓRIO DURANTE E APÓS A GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE**

### **2.1 Antecedentes do trabalho migratório**

A migração transfronteiriça entre Moçambique e África do Sul remota desde os finais do século XIX e início do século XXI com o trabalho nas plantações de cana-de-açúcar em natal e Lã no Cabo. Tendo se intensificado após a descoberta do Ouro e Diamante em Kimberly e Witwatersrand entre a segunda metade de 1860 e segunda metade de 1880, estimando-se que havia cerca de 12.000 Moçambicanos trabalhando na África do Sul até 1879 (Gaspar, 2005:16).

Factores como às condições climáticas, chuvas irregulares e secas prolongadas; condições económicas; ambiente político e social instável; esgotamento do solo fruto da grande densidade populacional e a necessidade de acumular libras esterlinas, enxadas para posterior investimento em dotes, roupas e bebidas que constituíam elementos de ideologia e status na comunidade local da época, são descritos por Gaspar (2005:16-20), como os principais responsáveis pelo aumento de trabalhadores Moçambicanos no sistema do trabalho migratório, chegando a atingir mais de 60 000 empregados nas minas da África do Sul até finais do século XIX na sua maioria composta por indivíduos do sexo masculino.

Embora a participação de homens fosse inquestionavelmente mais comum, o trabalho migrante no sul não era exclusivamente masculino. Também, haviam mulheres envolvidas nessa migração, mas ao contrário dos homens as mulheres não eram recrutadas para trabalhar no subsolo das minas, isto porque a entrada de mulher neste tipo de actividade estava interdita pelo mines and work act aprovado em 1911, que proibia a contratação das mulheres, “Nenhuma pessoa “ diz o acto “deve empregar no subsolo ou em qualquer mina um menino aparentemente com menos de dezasseis anos ou qualquer mulher” (Breckenridge, 1998:675). Portanto, as mulheres acabaram por ter de trabalhar como empregadas domésticas, prostitutas e também envolver-se na fabricação de bebidas alcoólicas ilegais e outras actividades, como verificado na discussão acima apresentada e pelo menos até antes da década de 1930 (Gaspar, 2005:35).

Apesar das críticas do governo Moçambicano ao trabalho migratório para a África do Sul, depois da independência em 1975 o governo moçambicano independente, tal como

o seu antecessor Português não estavam em condições de oferecer emprego alternativo aos trabalhadores migrantes tanto que Moçambique precisou aumentar o número de migrantes, Covane (2001:240).

Por outro lado, o trabalho migratório, constituía um elemento crucial e importante servindo como fonte de rendimento para milhares de famílias no sul de Moçambique. assim como, para a dinamização da economia do estado independente, pois a agricultura local e a indústria eram incapazes de absorver de forma competitiva toda a força de trabalho nacional.

Segundo Patrício (2016 apud Torres, s.d:9) entre 1972 e 1976 o fluxo migratório Moçambicano para trabalhar nas minas directamente relacionadas a descoberta de ouro e do processos económicos que se desenvolviam na região chegou a atingir um total de 150.758 trabalhadores, um quantitativo referente ao ano de 1975. Contudo após a independência as tensões políticas desse período irão influenciar directamente nesses fluxos, assim como a crise em algumas minas e as novas legislações laborais.

## **2.2. Dinâmicas do trabalho migratório durante a Guerra Civil**

Entre 1976 e 1992, Moçambique mergulhou numa guerra civil entre o Governo da FRELIMO e a oposição no caso a RENAMO, que terminou com a assinatura do acordo de paz, este conflito resultou em mais de 1,5 milhões de refugiados nos países vizinhos, Baden (1997:19 apud Rodrigues, 2018:453).

Durante os longos anos da guerra civil em Moçambique, as migrações internacionais da população foram determinadas pela necessidade de fuga ao conflito interno, na maior parte das vezes através da deslocação forçada e do refúgio em países vizinhos ao título das exigências das situações (Machava, 2003).

Neste período a África do Sul, constituía um dos principais destinos dos migrantes em busca de refúgio, as pessoas que migravam para África do Sul usavam rotas do mato para chegar as aldeias mais próximas, na maioria das vezes os membros das comunidades que fugiam para África do Sul, migravam em pequenos grupos e contavam com ajuda de outros que conheciam a rota (José, 2017:205). Esses que de acordo com Mubeti (2004:4) dividiam-se em pelo menos duas categorias: aqueles cujos parentes na África do sul haviam pago motoristas de caminhão para contrabandear-los para o País e aqueles que

faziam seus arranjos, a maioria dos grupos optaram por fugir a Pé pela fronteira mais próxima. Para muitos, isso significou caminhar pelo Parque Nacional do Kruger e correr o risco de serem atacados por animais selvagens (Crush e Williams, 2001:1). Foi neste contexto em que muitas mulheres acabam migrando para a África do Sul, acompanhadas de seus parentes como afirmou uma entrevista:

*“Em 1990, com guerra civil em Moçambique e a situação em muito crítica em Massingir, eu tinha uma tia e primo que viviam em Zanin então eles vieram para Massingir e disseram que tínhamos de ir com eles pois não queriam que ficássemos em Moçambique. Então nos levaram, preparamos comida e começamos a caminhar, uma caminhada que durou 3 dias e 3 noites, passamos por outras áreas conhecidas e caminhamos pelo Kruger e no quarto dia chegamos a Zanin na África do Sul, onde ficamos por dois anos (Entrevistada: Mulher de 38 anos e cabeleireira, Joanesburgo, 2012).*

Contudo, importa realçar que a maioria dos refugiados que fugiram de Moçambique para África do sul chegou em meados da década de 1980, pois este constituiu o período mais violento dos combates na guerra de 16 anos. Entretanto, embora tenham sido estabelecidos centros de acolhimento para refugiados em alguns territórios nacionais da África do Sul, entre eles: Gazankulo, KaNgwane, KwaZulo e Lebowa, os Moçambicanos não dispunham do estatuto formal de refugiados, pois a África do Sul do Apartheid propriamente dita não reconheceu o ACNUR, as convenções da ONU e da OUA sobre os refugiados, autorizando assim o estabelecimento de refugiados Moçambicanos nas antigas autoridades nacionais permitido pelo regime de Pretoria desde que não abandonassem estas zonas (Crush e Williams, 2001).

### **2.3. Dinâmicas do trabalho migratório após da guerra civil em Moçambique.**

O fim da guerra civil, criou novas condições para a mobilidade e consequentemente abriu espaço para novos especialistas na migração, entre eles as mulheres que constituem o objecto desse estudo. Em Moçambique, em setembro de 1993 iniciou-se um processo de retorno de refugiados que desejassem regressar a casa, constituindo o maior fluxo de entrada no país, que de acordo com o alto comissário das Nações Unidas em inglês UNUCR, em 1994 contabilizaram-se 80.4376 refugiados que retornavam ao país (Rodrigues, 2018:453). Embora este retorno se tenha realizado em alguns casos de forma



significativa, todavia, face ao cenário de destruição e a constatação do literal desemprego, associada a diminuta possibilidade de sustentação e realização econômica dos agregados familiares, no seu conjunto fizeram com que os que tinham regressado rapidamente iniciassem com um processo de regresso a aqueles países, particularmente para a África do Sul, (Machava, 2003:24).

No entanto, importa realçar que houve casos de imigrantes refugiados que não regressaram para Moçambique, pois alguns já estavam estabelecimento na África e até chegaram a formar família. Como relatou uma entrevistada:

*“Em 1992, a Guerra civil tinha chegado ao fim e naquela época haviam muitas pessoas que retornaram para Moçambique, haviam carros que levavam seus pertences para Moçambique. Mas, naquela época eu me casei em Zanin e tinha meu marido e um filho de um ano então não podia voltar para Moçambique.”*(Entrevistada: Mulher de 38 anos e cabeleireira, Joanesburgo, 2012).

Ainda neste ponto, é de referir que a permanência de Moçambicanos na África do Sul pode estar também relacionada com a concessão do estatuto formal de refugiado, pois, após o fim da Guerra civil, em 1992, com a assinatura de um acordo tripartido entre Moçambique, a África do Sul e o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), obtido através de um processo de “determinação de grupo” caso tivessem chegado à África do Sul entre Janeiro de 1985 e Dezembro de 1992, é atribuído o estatuto de refugiado que igualmente contemplou a aqueles Indivíduos que chegaram como trabalhadores contratados no início da década de 1980 e que se tornaram “refugiados” devido a situação de insegurança prevalecente em Moçambique (Crush e Williams, 2001:4).

De acordo com Patrice (2016); Akesson (2016) citado por Rodrigues (2018:455), o aumento do número de migrantes internacionais é significativo e no âmbito das relações externas e das dinâmicas econômicas mantendo-se ainda algumas principais rotas de circulação internacional do tempo da guerra, a principal característica comum em termos da migração em Moçambique no pós-guerra diz respeito a continuação da migração de um número significativo de pessoas à procura de melhores condições de vida, mantendo assim os altos níveis de migração laboral de Moçambique para a África do Sul. O que, pode também estar relacionado com o facto de a maioria dos migrantes mesmo não

possuindo passaportes ou qualquer outro documento que os permitisse a transitabilidade, o que lhes conferia deste modo o estatuto de ilegais não tiveram grandes dificuldades em migrar pelo facto de já terem travado um primeiro contacto com estes países através de contactos familiares, bem como durante o período de refúgio forçado (Machava, 2003:25).

Mas, por outro lado neste período, a dinâmica migratória para a África do sul foi acompanhado pelo evoluir de uma situação específica no sector laboral na África do Sul, como a redução das oportunidades de emprego associadas a crise económica no Lesotho e Moçambique e o aumento de taxas de desemprego, particularmente entre os jovens nos Países da região contribuindo para o crescimento do fluxo migratório (Machava, 2003:27).

Este factor, teve grandes implicações no mercado laboral Sul-africano, fundamentalmente na redução da oferta de postos de trabalho, fazendo com que grande parte dos migrantes que afluíram aquele País neste período ficassem desempregados e caíssem na marginalidade e delinquência e os que conseguiram de integrar no mercado laboral foram maioritariamente para o sector agro-percuário e noutras casos empregaram-se em supermercados, construção civil e em casos excepcionais para o sector mineiro e informal (Machava, 2003:27). Ou seja, a migração de moçambicanos não parou no período pós guerra civil, pelo contrário surgiram novas áreas de serviço e com maior mobilidade, há mais abertura para a migração envolvendo todo tipo de género e também no período pós guerra, há mudanças que se registam no que se refere ao uso de rendimentos adquiridos através do trabalho migração. assim como, mas próprias razões para migrar voltadas para o melhoramento de vidas com investimentos a longo prazo e outros negócios. O pós guerra também permitiu mudanças na concepção do próprio trabalho migratório a longa distância, verificando-se o envolvimento de mulheres em grande escala desenvolvendo várias actividades (Rodrigues, 2019).

Para Vlatteer (2016), as razões da continuação da ida de Moçambicanos para a África do Sul, deve-se ao facto de que apesar de o crescimento económico de Moçambique ser positivo ele está ligado aos mega projectos, capital intensivo que limitam a absorção de trabalhadores nacionais não qualificados, daí que a mobilidade seja sobretudo de nível interno e regional, envolvendo populações de alta mobilidade que incluem comerciantes (formais e informais), Mukeristas, trabalhadores mineiros, da construção civil ou domésticos.

## **CAPÍTULO III: CONCEPÇÃO DA TRADIÇÃO MIGRATÓRIA EM MOÇAMBIQUE**

### **3.1. Relação entre o Trabalho Migratório e Gênero**

No sul de Moçambique como em outras regiões do país, as tarefas para homens e mulheres estavam definidas e a migração constituía uma prioridade entre as actividades masculinas. Assim, aqueles que migravam eram tratados com respeito, como aqueles retornados da África do Sul sendo vistos como fonte de riqueza e os que não migravam eram geralmente ridicularizados até mesmo por mulheres e estigmatizados socialmente. Nesta região a tarefa de cuidar de crianças e da prática agrícola era exclusivamente das mulheres e os homens que não migravam e exerciam esta função eram vistos como mulheres, assim como os migrantes que levavam longos intervalos entre os contratos. Estes homens, estavam sujeitos a comentários pejorativos e as suas esposas eram tidas como estando a usar drogas e praticando bruxaria para manter os seus maridos sob controle (Covane, 2001:196).

Constituindo desde período colonial um reservatório de mão-de-obra para as minas sul africanas, e sendo predominantemente patriarcal e patrilinear. No Sul de Moçambique percebia-se que estes factos exerciam uma grande influência no contexto das relações familiares. Portanto, o colonialismo português não destruiu completamente as práticas e instituições tradicionais africanas tendo optado por levar a cabo várias tentativas de melhorar a imagem e a legitimidade dos recém nomeados régulos e do governo colonial português, mantendo às tradições antigas assim como as práticas, o que incluía o trabalho migratório caracteristicamente masculino (Covane, 2001)

Para às sociedades do Sul de Moçambique, o trabalho migratório também era importante ao facilita o dinheiro por parte dos homens, dinheiro esse que poderia ser usado para pagar o lobolo<sup>1</sup> em parte por esta razão as mulheres estavam profundamente interessadas no resultado da migração, que igualmente contribua na organização de novas famílias ou alargamento das já existentes através do lobolo de mais esposas. Ou seja, os homens migravam para trabalhar em outros países em particular África do Sul afim de cumprir com as expectativas e obrigações sociais todas relacionadas de uma forma ou outra com questões de gênero, preocupando-se em provar sua masculinidade, facto este que se torna

---

<sup>1</sup> **Lobolo:** Termo utilizado na Zona Sul de Moçambique para referência a uma cerimónia tradicional em que a família do Noivo oferece um dote a família da Noiva, celebrando assim a união.

discutível após a independência na região sul do Save principalmente no período pós guerra civil (Covane, 2001:199).

No que concerne as mulheres, elas eram vistas como aquelas deixadas para trás, como chefes de famílias e trabalhadoras de natureza doméstica e trabalho agrícola. Entretanto, às mulheres como migrantes tem sido em grande parte invisíveis não porque não estejam lá mas porque ninguém tem realmente procurado, e quando as mulheres migrantes tem sido objecto de investigação sobre migração isto tem sido geralmente no contexto do seu papel de apoio aos trabalhadores migrantes do sexo masculino, na maioria dos casos como esposas ou profissionais do sexo exercendo actividades nas cidades mineiras (Crossings, 2002:6).

Tal como afirma Gaspar (2005:35), as mulheres envolvidas nessa migração ao contrário dos homens não eram recrutadas para trabalhar no subsolo nas minas, mas trabalhavam como empregadas domésticas, prostitutas e também estavam envolvidas na fabricação de bebidas alcoólicas “ilegais” pelo menos até 1930.

Como se pode comprovar em Covane (2001:104), as mulheres de Gaza estavam também envolvidas na migração pressionadas por condições económicas, algumas foram trabalhar como prostitutas nas áreas circunvizinhas das minas (Compounds) e em 1905, agentes da WENELA aparentemente recrutavam perto de 150 mulheres para a África do Sul, e por volta de 1922, haviam pelo menos 800 mulheres do sul de Moçambique trabalhando como prostitutas na zona de Joanesburgo.

No entanto, importa destacar que houve um processo de repatriamento das mulheres a trabalhar no Rand, mas apesar de estãs terem sido repatriadas é preciso sublinhar que algumas mulheres num número significativo estabeleceu-se permanentemente na África do Sul. São várias causas levantadas por diferentes autores, onde o argumento forte entre eles é de que a migração feminino foi causada pelas condições económicas e sociais, onde o alto nível de mortes por doenças e acidentes nas minas entre os trabalhadores moçambicanos, um número significativo de mulheres, entre elas esposas e filhas sem apoio económico e social dos seus membros do sexo masculino envolveu-se no processo da migração.

diferença no que se refere ao género no processo do trabalho migratório para a África do Sul no período colonial e pós colonial é notável, sobretudo após o fim da guerra civil. Na década de 1990, chega ao fim a guerra civil em Moçambique, está que ceifou quase um

milhão de vidas e deslocou meio milhão e levou a destruição econômica (Mubai, 2001). Por outro lado, a guerra exacerbou a subjugação e marginalização das mulheres, em particular aumentou suas inseguranças, vulnerabilidades e as expôs especialmente como refugiadas, comerciantes informais, trabalhadoras de sexo ou mendiga. E uma das consequências não intencionais da guerra foi o emponderamento de algumas mulheres ao criar condições que tornaram relativamente fácil para elas se libertarem do controle patriarcal e em alguns casos com a ausência do seu marido tornam-se chefes de famílias (Chingono, s.d:108-109).

Na África do Sul, após 1994, o governo democrático recém eleito iniciou-se uma transformação sociopolítica e econômica substancial, após esta data não apenas mudanças drásticas mas também mudanças socioeconômicas transformadoras significativas foram introduzidos e remodeladas (Botha & Cronjé, 2015:11). na área da migração em setembro de 2004, África do Sul e Moçambique concordaram em abolir os vistos para os seus cidadãos que visitassem os países um do outro por um mês de 30 dias, acordo este que entrou em vigor em Abril de 2005, portanto estas transformações abriram espaço para o aumento do número de migrações de todos os gêneros e sobretudo das mulheres começando a envolver-se no trabalho migratório para a África do Sul, como forma de tentar se reerguer e por conta das machambas destruídas que serviam como meio de produção para a sua subsistência em resultado da destruição acusada pela guerra civil (Walker, 2006: 4).

Ainda no âmbito social em Moçambique, no pós guerra civil, o status que era dado aos emigrantes masculinos para a África do Sul perde o seu peso actualmente, e isto deve-se ao facto de existirem muitas oportunidades com o fim da guerra civil em Moçambique sem risco e assim garantir a subsistência não sendo a migração a principal fonte para o bem-estar social e econômica (Rodrigues, 2019:26).

## **CAPÍTULO IV: INTEGRAÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA DA MULHER MIGRANTE MOÇAMBICANA NA ÁFRICA DO SUL**

Em diversos estudos sobre a migração subestimou-se sempre a participação da mulher no fenômeno, pois partia-se do pressuposto de que só os homens migravam por razões econômicas e se considerava que as mulheres migravam com o objetivo de reunificar famílias ou por casamento (Bilale, 2007:18).

Entretanto na última década, embora a migração transfronteiriça tenha permanecido dominada pelos homens, cada vez mais mulheres estão cruzando fronteiras entre Moçambique e a África do Sul motivadas por uma variedade de motivos sociais e econômicos, as áreas tradicionais de emprego para mulheres migrantes tem sido, a agricultura, trabalho doméstico, sector de serviços e Comércio.

Contudo, as mulheres descritas neste estudo fazem parte do grupo de mulheres que ocupam o sector informal do grupo de trabalhadores moçambicanos na África do Sul, onde as condições de vida nos países de origem foram apontados como os factores de pressão mais significativas que levaram estas mulheres a tomar a decisão de migrar, para além dos factores de pressão económica, as mulheres referiam a instabilidade política e a intolerância, bem como a desigualdade de género, como factores na sua tomada de decisão em matéria de migração (Everett, 2007:20).

Assim como, as expectativas sobre os países de destino, pois muitas mulheres previram que a África do Sul em particular oferecia oportunidades de emprego, acesso a bens de consumo, a mercadorias e melhor qualidade de vida do que nos países de origem, como relatou um entrevistada:

*“O que me fez vir pra cá, é porque eu queria trabalhar comprar minhas próprias coisa e começar minha própria vida. Em Moçambique eu era dependente dos meus pais, tudo que eu tinha que fazer dependia dos meus pais, não estudava e nem trabalhava então vim aqui para procurar por novas oportunidades de vida e agora estou trabalhando como cabeleireira”* (Entrevistada: Mulher de 29 anos e Cabeleireira, Joanesburgo, 2012).

Para muitas mulheres migrantes, o ímpeto dos factores socioeconômicos foi fortalecido pelas rupturas familiares e de relacionamentos, podendo levar a pobreza e as péssimas condições de vida associado a perda de rendimentos do cônjuge e companheiros em

alguns casos, onde tal ocorreu com a morte do marido ou companheiro, tal como relatou uma das entrevistadas:

*“Sai de Moçambique porque perdi a minha família e não estava a trabalhar, o meu marido deixou-me com os filhos então sai de Moçambique e vim para aqui porque não há emprego”*<sup>2</sup>

Entretanto, às mulheres que migram para a África do Sul descritas nesta pesquisa geralmente são acompanhadas por amigos e parentes ou tornam-se migrantes independentes e por isso quando chegaram naquele país receberam apoio de conhecidos no que diz respeito à procura por emprego e abrigo facto que contribuiu para a rápida integração de algumas mulheres, como descreveu uma das entrevistadas:

*“Quando cheguei a África do Sul em janeiro de 2005, fui morar com a minha amiga porque ela tinha uma casa alugada cá e ela falou para o seu chefe que eu precisava de emprego, então o seu chefe aceitou que eu fosse com ela e começasse a trabalhar, quando lá cheguei eles me disseram às condições e o que eu tinha que fazer e o meu salário na época era de 300 rands por semana com direito a refeição ”* (Entrevistada: Mulher de 29 anos e cabeleireira, Joanesburgo, 2012).

Embora existam casos do gênero, importa realçar que enquanto algumas mulheres, conseguiram criar seus próprios negócios e outras acabaram por arranjar empregos por meio de terceiros que por vezes são seus meios de chegada naquele país, existiram também casos em quem outras mulheres viram-se abandonadas e então tiveram de buscar formas de se auto integração economicamente e socialmente na nova sociedade como relatou uma entrevistada:

*“Cheguei a África do Sul pela primeira vez em agosto de 2001, junto do meu namorado mas não sabia qual era a ocupação dele cá na África do Sul ele podia sair pela manhã e voltar à noite, e passavamos por muitas dificuldades então em outubro do mesmo ano eu comecei a procurar emprego pois meu namorado podia passar 2 ou 3 dias fora de casa, e eu estava passando fome sem dinheiro e sem nada para comer, eu nem sabia falar Zulu, Tswana, venda ou pedi.”* (Entrevistada: Mulher de 32 anos e cabeleireira, Joanesburgo, 2012).

---

<sup>2</sup> Entrevista Anônima 1 do focal group 4. Vozes das margens: experiências de mulheres migrantes na África Austral. [Entrevista concedida a Kate Iefko-Everett]. SAMMP, Johannesburg, p.22,2007.

No entanto, embora as mulheres já estivessem empregadas acabavam por enfrentar dificuldades para o exercício das suas actividades dentre as quais a mais comum está ligada a sua permanência na África do Sul, isto porque no acto da imigração lhes é atribuído um visto de permanência para um período de 30 dias, ou seja elas não dispõem de um visto de trabalho como relatou uma entrevistada:

*“A única coisa positiva de estar na África do Sul é que nós podemos trabalhar, e ter nosso dinheiro para comprar o que nós queremos. Mas, a realidade estamos a sofrer neste país, nós não temos permissão para trabalhar aqui, somos permitidas a ficar apenas por 30 dias e por causa disso as vezes a polícia vem aqui e prende-nos e somos enviadas para a cadeia de Lindela e de lá somos deportadas de volta para Moçambique, onde ficamos uma ou duas semanas e então voltamos de novo para este lugar.”* (Entrevistada: Mulher de 29 anos e Cabeleireira, Joanesburgo, 2012).

Por conta desta dificuldade algumas migrantes não só mulheres acabam recorrendo a métodos clandestinos para prolongar o seu tempo de permanência naquele país, acabando por recorrer à ajuda de motoristas de táxi para levar e trazer os seus documentos de entrada e saída do país ou em outros casos recorrem a migração ilegal ou indocumentada. O que é comprovado nos relatos de uma entrevistada:

*“Quando entramos para África do Sul, nós temos nossos passaportes carimbados e então chegamos aqui e damos nossos passaportes para motoristas de táxi. Eles levam nossos passaportes de volta para Moçambique e carimbam na fronteira e de lá levam consigo para Moçambique e então nós trazem de volta. E quando queremos voltar para Moçambique, eles pegam os passaporte para Moçambique e carimbam como se estivéssemos a entrar de Moçambique para África do Sul.”* (Entrevistada: Mulher de 29 anos e cabeleireira, Joanesburgo, 2012).

Entretanto, importa realçar que esta realidade não se aplica a toda mulher migrante, como é o caso das mulheres do sector da agricultura ou trabalhadoras sazonais pois este grupo é formado por mulheres empregadas em fazendas agrícolas e vivem permanentemente na fazenda com seus maridos ou parceiros e são atraídas para a força de trabalho sazonal durante o período de colheita, sendo esposas de trabalhadores permanentes com contrato de trabalho por escrito (Mather, 2000:429).



Outras devido aos longos anos de permanência na África do Sul acabam por criar famílias e até chegaram a beneficiar-se das amnistias implementadas na África do Sul pós-Apartheid entre elas a aquisição de identidades sul-africanas e de fixação de residência permanente.

Como relatou uma entrevistada:

*“Em 2006, meu marido disse para voltarmos a Zâmbia junto com os nossos filhos nascidos cá na África do Sul para que pudéssemos ter ID’S (número de identificação sul africana), pois ele ouviu dizer que os Moçambicanos eram autorizados a se registar para ter ID’s e foi assim então que conseguimos toda a documentação”* (Entrevistada: Mulher de 38 anos e cabeleireira, Joanesburgo, 2012).

Isto porque com o fim do Apartheid , são implementadas amnistias na África do Sul tornadas públicas em Outubro de 1995, primeiro para mineiros que estivessem a trabalhar na África do Sul desde 1986 que permitia o estabelecimento de residência permanente e em julho de 1996 que permitia a fixação de residência permanente no território a cidadãos dos estados membros da SADC desde que estivessem a residir a 5 anos ou mais sem registo criminal e que estivessem envolvidos em uma actividade económica, com esposo/a sul africano ou com filhos nascidos ou a residir legalmente na África do Sul (Machava, 2003:33).

Entretanto, devido ao tipo de actividade estas mulheres acabam não desfrutando de algum tempo de lazer, e as suas actividades diárias ficam ligadas a vida laboral, tal como relatou uma entrevistada:

*“Eu não vou para igreja e o que faço é trabalhar e ir para casa, eu uso o meu tempo livre para cozinhar e limpar a casa. nós trabalhamos de segunda a segunda e não temos tempo para ficar em casa , as vezes uso o tempo livre para compras e ir visitar outros amigos que vivem em Joanesburgo”* ( Entrevistada: Mulher de 29 anos e cabeleireira, Joanesburgo, 2012).

Apesar desta relativa integração das mulheres, estas mulheres também enfrentavam episódios de discriminação, o que era evidente nos seus locais de trabalho ou de residência, Como relatou uma entrevistada:

*“Na área em que vivemos em Protea Glen é uma boa vizinhança, mas tem pessoas que não gostam de nós e eles sabem que nós somos Moçambicanas e por causa disso eles não gostam de nós, as vezes eles vem e quebram nossas portas e pegam nossas mercadorias, está é a razão que nós não ficamos com tanto dinheiro em nossas casa”* ( Entrevistada: Mulher de 29 anos e cabeleireira , Joanesburgo, 2012).

## CAPÍTULO V: IMPACTOS DO TRABALHO MIGRATÓRIO

### 5.1. Impacto do trabalho migratório na vida da mulher migração

Apesar das inúmeras diferenças, as mulheres migrantes passaram por grandes mudanças ao chegar aos seus países de destino, seja pessoalmente em termos da sua condição econômica individual e das circunstâncias de seus lares e famílias. Na maioria dos casos as mulheres sentiram que a qualidade de suas vidas havia melhorado portanto que os impactos da migração foram principalmente positivas.

Muitas mulheres, sentiram que tinham passado por grandes mudanças pessoais, mudanças desde que chegaram a África do Sul. No entanto, para estas mulheres a mudança pessoal positiva também estava relacionada a identidade individual, pois sentiam que tinham mais opções em termos de roupas que podiam comprar e usar em outros países, uso de diferentes idiomas e acesso a diferentes bens de consumo (Everett, 2007:39). Como relatou uma entrevistada:

*“Acho que a África do Sul, abriu a minha mente em termos de moda, ela tem uma variedade de pessoas e culturas diferentes...e quando se trata de língua, eles usam muitas gírias”<sup>3</sup>*

Para uma mulher Moçambicana, melhorias no estilo de vida aconteceram do acesso a uma gama mais ampla de direitos, embora como não cidadã ela sentia que estes nem sempre se aplicavam as próprias circunstâncias, como descreveu uma entrevistada:

*“Mudou muito porque os direitos aqui na África do Sul são melhores do que os de Moçambique, bem, dizem que uma pessoa tem direito de trabalhar. Mas, para mim é difícil porque não sou sul-africana. E se você tem educação há uma grande chance de ter sucesso, então lá em Moçambique, mesmo se você tiver educação, é difícil encontrar um emprego. Poucas pessoas tem dinheiro para continuar seus estudos e trabalhar”<sup>4</sup>*

As atividades após a migração também impactaram significativamente os lares e famílias das mulheres, servindo também para atender às necessidades de crianças, famílias e famílias extensas. Mulheres que se sentiam mais aptas a atender às

---

<sup>3</sup> Entrevistada anônima participante 1. Vozes das margens: experiências de mulheres migrantes na África Austral. [Entrevista concedida a Kate Iefko-Everett]. SAMMP, Johannesburg, pp.39, 2007.

<sup>4</sup> Entrevistada anônima participante 10. Vozes das margens: experiências de mulheres migrantes na África Austral. [Entrevista concedida a Kate Iefko-Everett]. SAMMP, Johannesburg, pp.39, 2007.

necessidades de seus filhos em particular, bem como de outros dependentes como pais idosos, expressaram uma sensação de alívio e segurança renovada, onde as remessas são uma parte central dessa experiência ( Everett,2007:45).

Entretanto, as conclusões de suas vidas eram “melhores” após a migração pareciam ser contraditas por suas experiências sociais, os migrantes na África do Sul enfrentam múltiplas formas de discriminação como não cidadãos, como membros de grupos específicos, grupos étnicos , como negros africanos, como mulheres e como pobres. Cumulativamente, grande parte da discriminação sofrida pelos participantes teve origem em respostas xenofóbicas de cidadãos de países de origem ( Everett,2007:44).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração laboral de Moçambicanos para a África do Sul constitui desde sempre uma característica do sul de Moçambique, estando enraizada na espinha dorsal da economia moçambicana e nas relações entre Moçambique e África do Sul, tendo sido dinamizada e capitalizada no âmbito do colonialismo Português, e continuado a caracterizar a sociedade moçambicana até os dias actuais.

No sul de Moçambique, a migração foi caracterizada por estigmas em relação a diferenciação do género, devido à prevalência da tradição e dos costumes que dividiam de uma forma clara as actividades a serem desenvolvidas tanto por homens, tanto por mulheres. Neste alinhamento às mulheres deveriam na sua maior parte permanecer em suas casas, ocupando-se com o trabalho agrícola. Ou seja, a produção de bens de consumo deixando com os homens a tarefa de migrar para a África.

Entretanto, é importante referir que por mais que o trabalho migratório a longa distância, isto é, para a África do Sul constituísse uma tarefa dos homens numa sociedade onde a divisão das actividades é baseada no género, foi possível apesar de ser em uma escala reduzida a migração feminina, onde estima-se que até 1920, existiam 800 mulheres na África do Sul que trabalhavam ao redor das minas.

É de salientar que esta concepção continuou mesmo após a independência, e sobretudo durante a Guerra civil. No entanto, durante a guerra-civil a migração feminina não representou um fenómeno de livre escolha, mas sim às mulheres apareceram no fenómeno migratório como refugiadas nos territórios vizinhos de Moçambique, sobretudo na África do Sul e não como uma opção de busca de melhores condições de vida, tal como os homens sempre o fizeram desde o período anterior a este estudo.

Ainda no decorrer da guerra civil, a migração feminina foi dinamizada pelas condições do país, características pela instabilidade trazendo mudanças nos padrões de migração com o aumento depois fluxo de mulheres migrando para a África do Sul sobretudo com a fim da guerra, pois embora tenha se registado um número relativo de refugiados regressando para Moçambique, um número significativo entre eles mulheres regressou de volta para a África do Sul ou permaneceu naquele país adotando-o como seu novo lar, tendo chegado a construir família.

O fim da guerra civil, aumentou as inseguranças, vulnerabilidades e expor as mulheres como refugiadas, comerciantes informais, e levou ao emponderamento das mulheres ao

criar condições que tornaram-nas mais autônomas e chefes de família, buscando reerguer-se das perdas da guerra-civil migrando de Moçambique para a África do Sul, envolvendo-se em várias actividades entre elas agricultura, trabalho doméstico, sector de serviços e comércio e o sector informal que constituiu o foco deste estudo.

Entretanto, embora estas mulheres tenham se integrado economicamente e socialmente acabam enfrentando várias dificuldades, algumas relacionadas ao tempo de permanência na África do Sul, fazendo com que procurem por meios ilegais para prologar o seu tempo de trabalho e permanência, enfrentam ainda a discriminação e exclusão por parte dos cidadãos de origem.

Ainda assim, às mulheres apontaram para ganhos positivos resultantes da migração, pois testemunharam mudanças nas condições econômicas individuais e das circunstâncias de seus lares e famílias pois passaram a ter mais opções em termos de roupas, acesso a diferentes idiomas e diferentes bens de consumo, impactando em seus lares e famílias com envio de remessas para seus filhos e outros dependentes, restabelecendo a sensação de alívio e segurança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

AGOSTINHO, Santo. (1983). **A cidade de Deus**. Tradução de Oscar pães Leme. São Paulo:Editora Abril ( livro XIV, cap 23).

BILALE, C. (2007). **A mulher migrante na cidade de Maputo**. Maputo: Centro de estudos da população (CEP).

COVANE, Luís Antônio . (1989). **Às relações econômicas entre Moçambique e África do Sul:1920-1992**. Maputo.

COVANE, Luís Antônio. (2001). **O trabalho migratório e a Agricultura no sul de Moçambique**. Maputo:Promedia, 306 pp.

JANSEN, Clifford J. (1970). **Readings in the Sociology of Migration**. Oxford: Pergamon Press.

ROUSSEAU, J-J. (1979). **Émile**. Tradução de Allan Bloom. New york:Basic Book, (Livro v).

### Artigos e revistas

BOTHA, Doret; CRONJÉ, Freek. (2015). **Mulheres na migração: um quadro conceitual par questões de gênero no sector da mineração da África do Sul**. In:revista sul africana de relações trabalhistas, vol 39, No.1.

BEAUVOIR, S. (1970). **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet: São Paulo. Editora Abril, 1980. (Vol 1.pág 15-25)

BRECKENRIDGE, Keith. (1998). **The allure of violence: Men, race and masculinity on the south Africa gold mines 1900-1950**. In: Journal of southern African studies, nº4.

PIORE, M. J. (1979). **Birds of passage: Migrant labour and Industrial societies**. Cambridge University press.

CENTRO DOS ESTUDOS AFRICANOS. (1977). **O mineiro Moçambicano: um estudo do sul de Moçambique**, Maputo.

CHINGONO, Mark.(n.d). **mulheres , guerra e paz em Moçambique: o caso da província de Manica**.[s.l].

CRUSH, J; WILLIAMS, V & PEBERDY, S. (2005). **Migration in southern África: a paper prepared for policy analysis and research programme of the global commission on international migration**,[s.l].

CROSSINGS. (2002). **New training course addresses challenges of migration**. In:SAMP, vol.4, No.1,2002.

DODSON, B; CRUSH, J. (2006). **South African immigration law: a gender analysis**. (rep, pp1-22), waterloo, on southern African migration programme. SAMPP. Migration policy Brief, No.16.

DE VLETTER, F. (1985). **Recent trends and prospect of black migration to south African RSA**. In: The journal of modern African studies, v. 23, n.4.

EVEERETT, Kate lefko. (2007).**Voices from the margins: migrant women's experiences in the southern África**.

GLEDITSCH, Nils Petter, et al. (2002). **Armed Conflict 1946-2001:A New Dataset**". Journal of Peace Research 39 (5). Oliveira, Ricardo Soares de (2009), "África desde o fim da Guerra Fria". Relações Internacionais. Dezembro (24): 93-114.

HENRIQUE, Victor Simões. (2022). **Às migrações laboras de Moçambicanos para a África do Sul: a sua evolução dos primórdios até a proclamação da independência nacional c.1850-1974**. AFRICAS, Maputo, vol 19, nº 17, pp 99-116.

LOPES, Miguel. (1980). **O processo de acumulação da república sul africana e a situação actualizar do Sul do Save**. [s.l], pp 92-110.

MUANAMOLA, R.C. (2008). **Dynamics of undocumented Mozambican labour migrations to south África**. Germany:VDM, VerlagDr Muller GmbH & co.KG.

MUANAMOLA, Ramos; RAIMUNDO, Inês. **A dinâmica migratória em Moçambique**. In:ARNALDO, Carlos; CAU, Boaventura (org). (2013). Dinâmicas da população e Saúde em Moçambique. Maputo:Cepsa.

MUBETI, Frederick Golooba. (2004). **Confronting uncertainty and responding to adversity: Mozambican war refugees in Limpopo province, south África refugee livelihoods**. Working paper N° 105. Johannesburg: University of the Witwatersrand, School of Public Health.



PATRÍCIO, G. (2016). **Moçambique: compulsionando às migrações internas e internacionais**, Maputo. v.2, n.5.Pp 79-101.

RODRIGUES, C. Udelsmann. (2018). **Migração, Movimento e urbanização em Angola e Moçambique.**

MARTHER, Charles. (2000). **Foreign migrants in export agriculture: Mozambique labour in the Mpumalanga lowveld.** *Tigds chriftooor ekonomische*, En sociele geografie 11 (16):426-436.

NOLASCO, Carlos. **Migrações internacionais: conceitos, Tipologia e teorias.** COIMBRA: CES.2016.

SIDIQUE.M, A. **Women in migration and Development: review and analysis.** United nations for the advancement of women. Malmo. 2004.

TORRES, R, E, R. (s.n). **Dinâmicas migratórias em Moçambique no pós independência e seus reflexos no século XXI.** ANPUH, Rio de Janeiro.

WALKER, Lyndith. (2006). **Irregular migration to South África during the first the ten years of democracy .**

### **Tese e Monografias**

GASPAR, Napoleão. (2005). **The reduction of Mozambique workers in south african Mines, 1975-1992: A case study of the consequences for Gaza province-district of Chibuto.** [Tese para obtenção do grau de mestrado].

JOSÉ, Paulo Lopes. (2017). **Conservation history, hunting policies and practices in the South western Mozambique bordeland in the 20th century.** [Tese para obtenção do grau de doutoramento].

MUTEMBA, A, J. (2007). **O trabalho migratório e o seu contributo na economia familiar: O caso do posto administrativo de Mapulanguene 1970-2003** [Tese para obtenção do grau de licenciatura].

MATSINHE, R. (2023). **Às mulheres Mukeristas e o comércio transfronteiriço.**[Tese para obtenção do grau de licenciatura].

MACHEL, Júlio. (2019). **Já não vale a pena ir para lá: O discurso em mudança sobre a migração para a África do Sul por Moçambicanos.**

MUBAI, Marlino. (2001). **A seca e a ajuda humanitária como factores para o fim da Guerra em Moçambique: O caso do distrito de Zavala, 1982-1992.** Maputo, Faculdade de letras e ciências sociais.

MUNGOI, D. (2010). **Identidade viageiras famílias e transnacionalismo no contexto da experiência migratória de Moçambique para além das terras do Rand , África do Sul** [Tese para mestrado universidade federal do Rio Grande do Sul].

### **Entrevistas**

Mulher de 38 anos, Cabeleireira ( Entrevistada no Centro de Johannesburgo, África do Sul), 2012.

Mulher de 29 anos, Cabeleireira (Entrevistada no Centro de Johannesburgo, África do Sul), 2012.

Mulher de 32 anos, Cabeleireira (Entrevistada no Centro de Johannesburgo, África do Sul), 2012.

EVEERETT, Kate lefko. (2007). [Entevistada anônima 1 do focal group 4]. Voices from the margins: Migrant woman's experiences in south África.

EVEERETT, Kate lefko. (2007). [Entrevistada anônima participante 1 ]. Voices from the margins: Migrant woman's experiences in south África.

EVEERETT, Kate lefko. (2007). [Entrevistada anônima participante 10 ]. Voices from the margins: Migrant woman's experiences in south África